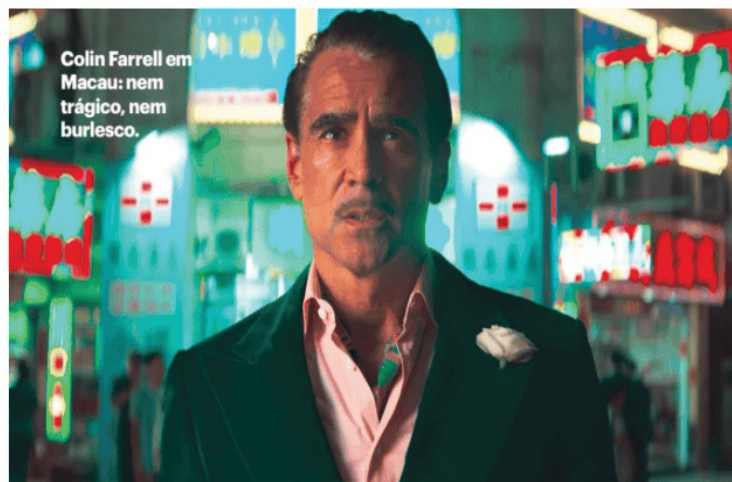




Colin Farrell em Macau: nem trágico, nem burlesco.

O brilho das imagens e a sua retórica

AVENTURA Depois de *Conclave*, sobre os bastidores do Vaticano, Edward Berger assina *Balada de um Pequeno Jogador*, procurando alguma vertigem espetacular nos casinos de Macau — muitos néones e pouco cinema.

Ao contrário das formas mais mediocres de abordagem do cinema (alguma televisão, *influencers* e fenômenos afins...), convém não alimentar a ilusão segundo a qual todos os realizadores se distinguem por uma linha coerente de trabalho, nessa medida justificando a classificação de “autores”. Exemplo? O alemão Edward Berger (nascido em Wolfsburg, em 1970), responsável por dois títulos de respeitáveis qualidades: *A Oeste Nada de Novo* (2022), consagrado com o Óscar de melhor filme internacional, e *Conclave* (2024), uma viagem subtil pelos bastidores do Vaticano. Pois bem, aí o temos a assinar *Balada de um Pequeno Jogador* (Netflix), projeto à deriva entre a comédia negra e o modelo clássico do *thriller*.

Aliás, ficamos na dúvida se a motivação principal foi fazer o retrato de Brendan Riley (Colin Farrell), um homem de negócios pouco transparente que tenta reencontrar a sua sorte nos casinos de Macau, ou produzir uma espécie de longo *spot* publicitário sobre esses mesmos casinos (alguns filmados em Hong Kong, segundo as notas de produção), celebrando a sua arquitetura opulenta e os néones das respetivas fachadas. Neste aspeto, convenhamos que competência técnica é coisa que não falta, graças à direção fotográfica do britânico James Friend que já colaborara com Berger em

A Oeste Nada de Novo, arrebatando mesmo o Óscar de melhor fotografia.

Baseado num romance de Lawrence Osborne (*Ballad of a Small Player*, 2014), a saga de Riley pretende rentabilizar a suposta ambiguidade da sua personagem central. Logo na abertura, enquanto vemos várias fachadas de salas de jogo (incluindo o Casino Lisboa), é a voz *off* de Riley que define a pueril mitologia da sua vida aventureira: usa o nome falso de “Lord Doyle” e apresenta-se como um “grande apostador num declive escorregadio”...

Enfim, retórica vazia é coisa que não falta a *Balada de um Pequeno Jogador* (incluindo o título moralista), através de uma visão mais ou menos assombrada, não apenas de Macau, mas da “atmosfera” asiática em que tudo vai acontecendo. Dito de outro modo: Riley é visto pelos locais como um “gwaillou”, ou seja, um fantasma branco perdido no labirinto do dinheiro, mortes e fantasmas que espalha pelo caminho. Sem grandes resultados, Colin Farrell esforça-se imenso para dar consistência a essa figura de pobre esquematismo, idealmente entre o trágico e o burlesco. No papel de uma investigadora que procura perceber que dinheiro Riley tem ou não tem, Tilda Swinton, com o seu charme paradoxal, diverte-se com uma caricatura de si própria... Desgraçadamente, ninguém parece acreditar no que está a acontecer. **J.L.**



José Martins: a guerra e o seu assombramento.

A história também pode ser minimalista

DRAMA Com o filme *A Memória do Cheiro das Coisas*, António Ferreira revisita memórias do nosso passado colonial através de um veterano da guerra: a austeridade narrativa deve muito ao trabalho dos atores.

Com a estreia do filme *A Memória do Cheiro das Coisas*, de António Ferreira, reencontramos as componentes de um domínio temático cujas convulsões não se esgotam no território específico do cinema português. Que é como quem diz: a abordagem — a começar pela organização crítica de memórias — da Guerra Colonial está longe de ser uma questão exclusiva dos filmes que se fazem (ou não fazem), existindo, afinal, como um novelo de factos e fantasmas, histórias individuais e narrativas coletivas, transversal a todos os domínios da sociedade portuguesa, da intimidade das famílias até à cena política.

Daí o mérito simples, mas essencial, de *A Memória do Cheiro das Coisas*. O filme opta por uma narrativa austera que se demarca dos lugares-comuns políticos e televisivos com que, por vezes, o passado colonial de Portugal é encenado. Assim, a figura central de Arménio, ex-combatente da Guerra Colonial que, com enorme relutância, começa a viver num lar da terceira idade, nunca surge como “símbolo” do que quer que seja. O que mais conta é a irredutibilidade da própria personagem: não é uma vítima a suscitar qualquer forma obscura de piedade, mas também não é um herói que, supostamente, esgote e ilumine a teia de problemas que a sua existência reflete — por maioria de razão,

também não é uma “vítima-herói”.

A convivência de Arménio com Hermínia, uma auxiliar negra do lar em que decorre a ação, define o principal polo dramático do filme. Nessa relação inesperada (para Arménio), o assombramento da guerra coexiste com a crueza do presente, revelando um espaço afetivo, recheado de contradições mas talvez redentor, em que, no limite, cada ser humano talvez consiga, através do outro, descobrir um pouco mais de si próprio.

Há em *A Memória do Cheiro das Coisas* uma singeleza dramática que importa não empolar. Não se trata, entenda-se, de eleger o filme como “protótipo” de qualquer abordagem da nossa Guerra Colonial. Trata-se, isso sim, de lembrar que há formas narrativas capazes de lidar com a história do nosso século XX sem ceder ao determinismo moralista de algumas ficções de raiz televisiva. Como? Reencontrando, por exemplo, a singularidade dos destinos individuais.

Escusado será dizer que tal cruzamento de emoção e distanciação deve muito da sua eficácia ao trabalho de composição de José Martins e Mina Andala, respetivamente como Arménio e Hermínia (ele foi recentemente distinguido com o prémio de melhor ator no Festival Internacional de Cinema de Xangai). O minimalismo das suas presenças envolve também uma pequena lição de humildade narrativa. **J.L.**